

O lugar da teologia na universidade

Theology's Place in the University

LIEVEN BOEVE*

Abstract

This paper starts from the current situation of theology, both at the margins and at the crossroads of the university, the Church and society. This situation presents an opportunity for theology, insofar as it is on these very margins and at this very crossroads that it finds the place where it can assert itself as theology. Bearing this assumption in mind, the paper pays special attention to the university framework of theology, whether in relation to religious studies, whether in the correspondence to the epistemology of sciences typical of our current university, or in the internal and external interdisciplinarity of theology.

Keywords: Theology and University; Secularization; Pluralism; Interdisciplinarity; Science.

Resumo

O artigo parte da situação atual da teologia, ao mesmo tempo nas margens e no cruzamento da universidade, da Igreja e da sociedade. Essa situação constitui uma oportunidade para a teologia, na medida em que é nessas margens e nesse cruzamento que encontra o lugar onde se pode afirmar como teologia. Tendo em conta esse pressuposto, o artigo trabalha de forma especial o enquadramento universitário da teologia, seja na

* Docente de Teologia Fundamental na Faculty of Theology and Religious Studies da KU Leuven; ORCID: 0000-0002-0099-0599; lieven.boeve@kuleuven.be.

relação aos estudos de religião, seja na correspondência à epistemologia das ciências própria da universidade atual, seja na interdisciplinaridade interna e externa da teologia.

Palavras-chave: Teologia e universidade; Secularização; Pluralismo; Interdisciplinaridade; Ciência.

Introdução

Durante estes últimos quinze anos, tenho sido levado a refletir, em todas as minhas competências profissionais, sobre o lugar da teologia na universidade e na Igreja, bem como na cultura e na sociedade. Enquanto presidente da Sociedade Europeia de Teologia Católica (2003-2008), decano da Faculdade de Teologia e Estudos de Religião da KU Leuven (2007-2014) e, atualmente, como diretor-geral de Educação Católica na Flandres (2014-), tenho muitas vezes constatado que este lugar deixou de ser inequívoco. Mais do que isso, poder-se-ia mesmo dizer que a teologia foi empurrada para as margens em cada um destes domínios. Nesta minha intervenção, em vez de optar por uma postura defensiva ou reacionária, irei antes falar de uma teologia que encara esta marginalização sem ressentimentos; uma teologia que, na encruzilhada da universidade, da Igreja e da sociedade, estabelece com cada uma delas, a partir destas mesmas margens, um diálogo que se baseia na autoconfiança¹.

Em primeiro lugar, farei uma breve análise do contexto e dos desenvolvimentos que levaram a teologia ao lugar específico em que atualmente se encontra (1). Em segundo, procederei a uma descrição e comentário

¹ Ver o meu discurso, na qualidade de presidente da SETC (ESCT), aquando do congresso de 2009, em Limerick, publicado com o título: «Theology at the Crossroads of Academy, Church and Society,» *ET Studies*, 1,1 (2010): 71-90; «La théologie aux marges et aux carrefours: Théologie, Église, université, société,» *Revue Théologique de Louvain*, 44 (2013): 388-412, também publicado em inglês: «Theology on the Margins and at the Crossroads: Theology, Church, University and Society,» *Ephemerides Theologicae Lovanienses*, 90 (2014): 361-378; «Theology in the Academy. Interdisciplinarity and the Challenges of Religious Studies,» *ET-Studies*, 5 (2014): 247-256; e o meu recente livro: *Theology at the Crossroads of University, Church and Society: Dialogue, Difference and Catholic Identity* (London/New York: Bloomsbury T&T Clark, 2016). A presente contribuição recolhe alguns dos textos e ideias desenvolvidos nestas publicações.

da marginalização à qual a teologia se encontra sujeita nos três domínios da sua atividade: a universidade, a Igreja e a sociedade (2). Em seguida, apresentarei a minha alegação, de que a teologia não se deve melindrar com esta marginalização, mas antes fazer por abordar estes três domínios, precisamente a partir das margens e tirando partido do seu lugar na encruzilhada dos domínios em questão; ou seja, onde a universidade, a Igreja e a sociedade se intersectam (3). Tendo como base esta perspectiva, refletirei posteriormente sobre o lugar específico da teologia na universidade (4) e desenvolverei o meu raciocínio em três parágrafos. Fá-lo-ei primeiro no que respeita à discussão da finalidade teológica específica da teologia, em contraste com as disciplinas de estudos de religião (5). Em seguida, refletirei sobre a visão mais pragmática das ciências, que muitas vezes rege a academia, bem como sobre os desafios e oportunidades aqui envolvidos, tanto para a teologia como para a universidade (6). Por fim, apelarei a uma abordagem decididamente interdisciplinar, em primeiro lugar, da teologia, no seu diálogo com as outras disciplinas da universidade, mas também no seio da teologia, promovendo um diálogo essencial entre as disciplinas teológicas (7). Como conclusão, e para ilustrar o meu ponto de vista, falarei sobre a forma como nós, na KU Leuven, encarámos o tema desta minha contribuição.

1. Secularização e pluralização: a teologia passa do centro para as margens

Em virtude dos processos de secularização e pluralização, a situação da fé cristã e, como tal, também a da Igreja, alterou-se por completo na Europa. É claro que isto teve consequências na forma como a teologia opera neste contexto europeu. A credibilidade e a relevância da teologia, que partilhavam o carácter inquestionável do horizonte de sentido cristão, dão por si constrangidas quando esse mesmo carácter se desvanece.

No decurso de algumas gerações, a Bélgica sofreu uma rápida alteração. O tempo em que a fé cristã (e a Igreja Católica enquanto sua expressão institucional) era praticamente inquestionável desapareceu há décadas. Isto pode ser observado não só na queda drástica dos números

relativos ao compromisso com a Igreja e à autodefinição religiosa do indivíduo como católico, mas também numa cada vez mais reduzida familiaridade com as narrativas, a imagética e as sensibilidades cristãs. Simultaneamente, a par com esta secularização, deu-se uma pluralização religiosa – em parte, mas não exclusivamente, resultante da migração –, que contribuiu para minar ainda mais o carácter inquestionável do horizonte de sentido católico ou cristão. A secularização da Bélgica deu origem a uma sociedade pós-cristã que, todavia, não passou subitamente a ser não-religiosa ou ateísta. Aproximadamente um terço da população belga descreve-se como não pertencendo a uma denominação religiosa, sem se considerar ateísta, sendo que muitos referem ser sensíveis ao espiritual e ao transcendente. Como tal, a situação pós-cristã é, em simultâneo, uma situação pós-secular².

Estes processos resultaram num contexto religioso caracterizado por uma estranha combinação de ideias. Por um lado, no domínio público, é promovida uma espécie de postura padrão de quase-neutralidade pós-cristã – influenciada pela secularização. Por outro, no enquadramento da chamada sociedade multicultural, admite-se um género de pluralismo pós-secular de convicções filosóficas e religiosas. Todavia, esta combinação é marcada por uma profunda ambiguidade que se torna patente quando, por exemplo, as religiões ou ideologias entram manifestamente no fórum público, ou quando o comportamento religioso de um indivíduo parece perturbar a postura padrão de quase-neutralidade. Isto também se torna claro quando os defensores desta postura reagem com incompreensão e até mesmo indignação quando os pressupostos – eles próprios férteis em conotações – específicos da referida postura são postos em questão, e quando o carácter da mesma, frequentemente de um secularismo brando, é criticado: «afinal, a neutralidade não é realmente neutra.»

² Ver Karel Dobbelaere, Jaak Billiet and Liliane Voyé, «Religie en kerkbetrokkenheid: naar een sociaal gemarginaliseerde kerk?» in *Nieuwe tijden, nieuwe mensen. Belgen over arbeid, gezin, ethiek, religie en politiek*, ed. by Koen Abts *et al.* (Tiel: Lannoo, 2011), 143-172.

Como consequência, o lugar da teologia nos seus três domínios de atividade – a universidade, a Igreja e a sociedade – sofreu uma mudança radical. A teologia encontra-se sem dúvida relacionada com estes três domínios: enquanto disciplina universitária que confronta cientificamente a fé cristã, a teologia também atua na Igreja e vai em seu auxílio, ao apresentar-lhe uma expressão que reflete o discernimento religioso do povo de Deus. Na medida em que a fé cristã tem como objetivo dar uma resposta às questões de sentido do ser humano, a teologia também tem um papel no domínio sociocultural. Mas, em virtude das importantes alterações de contexto acima referidas, a teologia perdeu o lugar de relativa centralidade, que tradicionalmente usufruía, mesmo no que respeita à sua principal «ocupação» religiosa, e foi empurrada para a margem. Atualmente, na universidade, na Igreja e na sociedade, a sua voz já não é ouvida da mesma forma.

2. A teologia e as suas tentativas de escapar a uma tripla marginalização

Nesta secção, irei primeiro mostrar como a teologia perdeu o seu lugar tradicional e relativamente central em cada um dos três domínios em questão, parecendo ter sido empurrada para as margens em cada um deles. Simultaneamente, indicarei como a teologia reage a esta marginalização e, muitas vezes, recorre a estratégias para lhe escapar. Tornar-se-á óbvio que a forma como a teologia se altera num domínio afeta o seu lugar nos restantes. O mesmo se aplica quando a teologia se reposiciona num domínio, algo que, de um modo geral, tem um impacto imediato sobre o seu papel e lugar nos outros domínios³.

(a) Na *universidade*, o lugar cimeiro da teologia entre as disciplinas académicas ou já foi abolido há muito ou está quase por completo reduzido a mera tradição. No que diz respeito à KU Leuven, a carta fundadora da faculdade de teologia em 1432 – sete anos após a criação da

³ Para uma clarificação conceptual dos domínios da universidade, da Igreja e da sociedade, precisamente no sentido aqui apresentado, pode ver-se a obra clássica de David Tracy, *The Analogical Imagination* (New York: Crossroad, 1981).

universidade em 1425 – estipulava explicitamente que esta nova faculdade teria prioridade sobre as demais e, como tal, no cortejo dos togados, os seus professores deviam figurar em primeiro lugar. Embora tal ainda se mantenha atualmente, pouco tem que ver com o prestígio da teologia enquanto disciplina.

É certo que esta perda de prestígio está relacionada com a mudança de lugar da fé cristã na nossa sociedade e com a ascensão, mesmo no seio das universidades católicas, de uma postura padrão pós-cristã e secular moderada, por vezes radicalizada por um positivismo empírico-científico. Com efeito, os teólogos dedicam-se explicitamente à tradição cristã, com o intuito de contribuir para esta mesma tradição. Ao empenhar-se nesta finalidade teológica, a teologia enquadra-se cada vez menos na estrutura universitária contemporânea, pelo que o seu estatuto de disciplina académica é questionado. Certamente, numa era de pluralização religiosa, a teologia parece apegar-se demasiado a uma única tradição, que tem como âncora apenas uma comunidade de fé, a qual se tornou gradualmente minoritária.

Nos países que rodeiam a Bélgica, esta marginalização levou tanto as faculdades teológicas como os próprios teólogos a relativizar a finalidade teológica das suas disciplinas e a concentrar-se no teor científico-religioso do seu trabalho. As faculdades de teologia convertem-se em departamentos de estudos de religião e, cada vez mais, dedicam-se a uma investigação empírica, histórico-literária e filosófico-antropológica, cuja motivação deixou de ser o lema teológico da *fides quaerens intellectum*. Como tal, a marginalização da teologia pela universidade leva a um recuo da primeira no seio da segunda, redefinindo as suas disciplinas como estudos de religião. Mas também pode levar à reação oposta: uma retirada que se faz da universidade para a Igreja. Todavia, antes de discutirmos esta reação, examinaremos primeiro a marginalização da teologia na própria Igreja.

(b) Também aqui, a teologia parece não estar a sair-se muito bem. Afinal, os mesmos desenvolvimentos alteraram igualmente o lugar da Igreja na sociedade. Além de constituir um sector acentuadamente reduzido da

população, a Igreja também perdeu grande parte do seu impacto sociocultural. Ademais, aos olhos da população, ainda hoje a sua imagem é afetada pelo trauma e pelos danos infligidos por uma Igreja demasiado poderosa no passado. Obviamente, o escândalo da pedofilia abalou ainda mais a sua estima sociocultural, pelo que a confiança na Igreja, tanto entre não-católicos como católicos, caiu para o nível mais baixo de sempre. Ao contrário do que se registou no início da era moderna, a Igreja deve resistir a uma tendência de reagir defensivamente a estes novos desenvolvimentos, ao entrincheirar-se na sua própria posição, desafiando o mundo: com esta atitude, a Igreja, segura no interior do seu casulo, limita-se a viver a sua própria verdade e protege-se do «mundo mau exterior».

Numa *Igreja* assim, que já não se sente compreendida no contexto atual, a teologia é antes recebida com suspeita, algo que sem dúvida se verifica no caso das teologias que procuram conscientemente um diálogo com o atual contexto (pós)moderno e pretendem, com base nesse diálogo, colocar questões críticas. Esta era igualmente a situação antes do Concílio Vaticano II (1962-1965), quando muitos teólogos que pretendiam a renovação e o diálogo deram por si sob suspeita. Durante o Vaticano II, estes mesmos teólogos ajudaram a Igreja a dialogar com o mundo, com outras comunidades cristãs e com outras religiões e ideologias. Com a constituição *Dei Verbum*, o concílio realçava o carácter intrinsecamente dialógico do encontro de Deus com a humanidade, na criação e na história, como horizonte fundamental para qualquer compreensão da revelação, da tradição, da Igreja e da teologia. Não obstante, com as alterações registadas nas últimas décadas, a Igreja parece ter vindo a distanciar-se desta abertura dialógica, em favor de uma crispação oposicionista. Erguer uma frente contra o exterior, contudo, tem uma consequência: aqueles que ameaçam perturbar a unidade interna representam uma ameaça. Com o pontificado do Papa Francisco, a atitude de abertura dialógica parece ter ganho novamente terreno, mas, aparentemente, a discussão quanto a esta mesma abertura ainda divide grandes partes da Igreja.

Nas últimas décadas, pelo menos até 2013, a esfera de ação da teologia na Igreja Católica tem sido sujeita ao rigoroso escrutínio do

Magistério, sendo fortemente enfatizada a subordinação fundamental e funcional da teologia à Igreja⁴. Tudo isto foi acompanhado por tomadas de posição e regulamentos que revelam uma desconfiança em relação à teologia⁵. Além de, sem dúvida, não contribuir para a credibilidade da teologia na universidade, esta situação também enfraquece o papel eclesial da teologia: os teólogos praticam a autocensura, concentram-se apenas na formação ou nas questões pastorais, tornam-se porta-vozes da instituição e esquecem o carácter científico da sua ocupação. Ou retiram-se por completo da Igreja, para se dedicar aos estudos de religião.

Em ambas as situações, tanto com uma retirada para o interior da Igreja como com um êxodo para fora da mesma, os teólogos deixam de se dedicar à tarefa crítico-produtiva específica da teologia – estudar a compreensão da fé do povo de Deus no mundo atual e colaborar para que a Igreja dos dias de hoje também possa dialogar com o mundo contemporâneo. Em contraste com o que foi solicitado pelo conceito de revelação dialógica do Vaticano II, a teologia deixa de conseguir integrar os frutos da investigação científica e a vivência sociocultural, para chegar a uma tal compreensão da fé⁶.

(c) Na *sociedade*, igualmente, os teólogos já não são, enquanto intelectuais e especialistas, objeto de um óbvio reconhecimento público. Eles partilham a perda de relevância e de credibilidade da fé cristã na cultura e na sociedade. Neste contexto, dão por si numa espécie de corda bamba. Por um lado, destacam-se porque falam em nome da fé cristã numa sociedade secularizada, ou porque falam apenas sobre a fé cristã numa sociedade religiosamente pluralizada. Por outro, uma vez que não

⁴ Ver a «Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo,» *Donum veritatis*, publicada pela Congregação para a Doutrina da Fé a 24 de maio de 1990, bem como o juramento de fidelidade que os teólogos devem prestar, quando assumem uma função em nome da Igreja, promulgado a 1 de julho de 1988 e alterado a 29 de junho de 1998.

⁵ Ver Bradford E. Hinze, «A Decade of Disciplining Theologians,» in *When the Magisterium Intervenes: The Magisterium and Theologians in Today's Church*, ed. by Richard R. Gaillardetz (Collegeville, Minn.: Liturgical Press, 2012), 3-39.

⁶ De particular importância a este respeito é a declaração de 2012 da Comissão Teológica Internacional: *Theology Today: Perspectives, Principles and Criteria*, a qual define em pormenor a natureza dialógica da teologia católica.

falam inquestionavelmente em nome da Igreja, todas as suas *nuances* teológicas ou críticas, a respeito de uma posição da Igreja, são vistas como não sendo realmente católicas, ou mesmo até como heterodoxas. Numa sociedade que assume uma quase-neutralidade no domínio público e a combina, por um lado, com uma tolerância passiva perante o pluralismo religioso no domínio privado e, por outro, com uma Igreja que muitas vezes se opõe a essa sociedade e a considera relativista e hostil à verdade, é pouco o espaço que resta para uma teologia cujo programa seja um diálogo, cientificamente fundado, entre fé e contexto.

Mais uma vez, podemos observar uma dupla resposta a esta marginalização. Por um lado, alguns teólogos retiram-se do diálogo com a sociedade, seja nas torres de marfim da investigação científica, seja no casulo seguro do simples serviço à Igreja e da sua autolegitimação. Por outro lado, e de forma contrária, teólogos há que procuram retirar-se da sociedade e se concentram, por exemplo, numa busca de espiritualidade e sentido aparentemente polimórfica – mas muitas vezes orientada pelo mercado –, pós-cristã e pós-secular.

A presente popularidade da espiritualidade é sem dúvida um resultado, bem como uma reação aos processos de destradicionalização, individualização e pluralização que alteraram por completo o atual processo de formação identitária. Todavia, seria um erro ver as formas difusas e subjetivas de espiritualidade (por vezes conhecidas como «algo-ismo») como o único resultado possível – e, como tal, normativas⁷. Nesse caso, permaneceríamos cegos à forma como estes processos também desafiam as religiões e filosofias mais clássicas a renovarem-se, neste contexto transformado. Atualmente, todas as formas de construção identitária, incluindo-se aqui as identidades religiosas clássicas ou ateístas, são determinadas pelo facto de as tradições já não serem inquestionáveis (destradicionalização), de a formação de uma identidade exigir a escolha e o esforço contínuo do indivíduo (individualização), e também pelo facto de existir toda uma

⁷ Ver Lieven Boeve, *God Interrupts History: Theology in a Time of Upheaval* (New York: Continuum, 2007), capítulo 7.

série de tradições, religiões e filosofias ao nosso dispor, para dar forma a esta busca de identidade (pluralização). As formas de fundamentalismo e tradicionalismo religioso e não religioso, por um lado, assim como o relativismo, o consumismo e a arbitrariedade, por outro, constituem todas elas uma recusa de gerir, de um modo apropriado e maduro, o potencial de liberdade e reflexividade que esta nova situação proporciona à formação identitária. A recusa ou a incapacidade de questionar a postura padrão quase-neutra quanto às suas implicações, em termos de valores, são igualmente sintomas disto. Naturalmente, esta incapacidade ou recusa tem o seu impacto em muitas discussões ideológicas contemporâneas, como o uso do véu pelas mulheres muçulmanas, a identidade confessional das escolas e universidades católicas, o perfil da educação religiosa, o papel dos pontos de vista de motivação religiosa na política... Tudo isto, naturalmente, também influencia o papel e o lugar da teologia.

3. Falar sem inibições, a partir das margens e na encruzilhada

Assim sendo, é-nos dado observar o seguinte: em virtude desta transformação de contexto, a teologia corre o risco de se ver empurrada para a margem nos três domínios nos quais exerce a sua atividade, isto como consequência dos desenvolvimentos registados em cada um desses domínios, mas também pelo facto de ela estar simultaneamente envolvida nos restantes. Além disso, se a teologia abrisse mão do seu envolvimento em um ou dois destes domínios, por causa desta mesma marginalização, deixaria de funcionar como teologia e renunciaria à sua própria missão. É isto que acontece sempre que, em virtude das alterações no cenário universitário e de uma crescente incompreensão no que respeita à sua finalidade teológica, a teologia se desintegra em estudos de religião e deixa de ter como objetivo a compreensão da fé do povo de Deus. Acontece igualmente quando se dá o oposto e ela se afasta da academia, retirando-se para o interior da Igreja e identificando-se com o reflexo defensivo da mesma: é precisamente neste momento que a teologia perde a sua força crítico-produtiva e a sua capacidade de desafiar a Igreja a manter-se a par dos tempos. Uma adaptação demasiado fácil a uma busca da

espiritualidade – frequentemente marcada por um secularismo e pluralismo moderados – também é prejudicial, visto que priva a teologia da capacidade de desafiar a fé cristã e as outras religiões a procurarem uma relação mais adequada com as potenciais liberdade e reflexividade resultantes dos processos de destradicionalização, individualização e pluralização. Como tal, a teologia deixa de ter condições para nos alertar contra as alternativas demasiado fáceis do fundamentalismo e do tradicionalismo, por um lado, e contra o relativismo ideológico e o consumismo, por outro. Repetidamente, a teologia perde a sua força crítico-produtiva.

Como tal, a nossa tese, que elaboramos em três etapas, é a seguinte:

(1) A teologia pertence indubitavelmente a cada um dos três domínios e encontra-se envolvida no que está em jogo em cada um deles: (a) a busca científica da verdade e do conhecimento, na universidade, (b) o desenvolvimento de uma compreensão e de uma vida da fé contemporâneas, na Igreja, e (c) a obtenção de uma identidade individual e comum, numa sociedade pós-cristã e pós-secular. Faz parte da própria natureza da teologia envolver-se em cada um dos três domínios, em particular na encruzilhada onde os três se tocam e sobrepõem. A teologia pertence a cada um deles, não sendo possível reduzi-la a apenas um.

(2) Em virtude das supracitadas transformações em cada um destes domínios, a posição da teologia desloca-se do centro para a margem. Todavia, deve fazer por evitar que esta marginalização a leve a retirar-se de um domínio ou a movimentar-se exclusivamente no mesmo. Em vez de abandonar a encruzilhada, deve aprender a reconsiderar o seu lugar e a sua contribuição em cada um destes domínios, fazendo-o precisamente a partir da margem.

(3) Como tal, ela é chamada a suportar a tensão precisamente onde se encontra, enredada entre os domínios, e a não se deixar seduzir por respostas fáceis. Esta é exatamente a sua missão atual em relação à universidade, à Igreja e à sociedade. Em suma, é nesta sua difícil posição, à margem e na encruzilhada de cada um destes domínios, que ela pode dar um contributo que seja contextualmente relevante e teologicamente credível.

Esta tese baseia-se na convicção teológica de que a teologia vive desta tensão. Envolvida na História, ela deve dialogar com o que está a acontecer, com aquilo que se pensa, com a forma como as pessoas vivem. E deve fazê-lo precisamente em virtude do conceito de revelação dialógica, desenvolvido pelo Vaticano II na *Dei verbum*: um Deus que se deu a conhecer no encontro com o ser humano, na criação e na história, também só se dará a conhecer dialogicamente, hoje e no futuro. Além disso, o facto de este diálogo atualmente só poder ser possível a partir das margens pode ser mais uma vantagem do que uma desvantagem.

4. A teologia na universidade

No que resta desta contribuição, serão de especial interesse para nós o estatuto académico e a natureza interdisciplinar da teologia, tanto no seio das disciplinas teológicas como em relação a outras abordagens científicas na esfera das ciências humanas e das ciências. É claro que uma consideração desta natureza não poderia deixar de situar este tema na discussão contemporânea do papel e do lugar da teologia na encruzilhada e nas margens da universidade, da Igreja e da sociedade. Repetidas vezes, os teólogos – e em especial os envolvidos na administração das faculdades – são levados a refletir sobre o projeto da teologia académica, o seu estatuto científico e a sua relação com as outras disciplinas presentes nas universidades. Este exercício, por exemplo, é um elemento obrigatório nos relatórios de autoavaliação solicitados às instituições ao seguir os procedimentos de garantia de qualidade na avaliação, tanto dos programas académicos presentemente disponibilizados como dos resultados da investigação. É igualmente uma etapa necessária na formulação de declarações de missão, no desenvolvimento de planos estratégicos, na abertura de vagas, na candidatura a bolsas de investigação, etc.

A teologia tem sido uma disciplina académica desde que surgiram as primeiras universidades, sendo até, durante muito tempo, a mais distinta. Todavia, na universidade moderna, com os seus ideais científicos de racionalidade empírica, universalidade, objetividade e transparência, o lugar e o papel da teologia têm sido objeto de bastante discussão. Sem

dúvida, até à data, a teologia é reconhecida como uma disciplina científica e o seu currículo ainda se encontra disponível em muitas instituições académicas, sejam elas públicas ou privadas, com fundos estatais ou não, sejam elas oficialmente organizadas ou reconhecidas por Igrejas, ou não. O mesmo se aplica à disciplina e ao currículo da teologia católica, cuja apresentação e prática assumem atualmente diversas formas em toda a Europa. Em termos de educação, por exemplo, o seu currículo encontra-se sujeito, juntamente com outros, ao processo de Bolonha, inclusive aos seus mecanismos de controlo de qualidade e certificação⁸. Em termos de investigação, a teologia, em combinação com os estudos de religião, é frequentemente reconhecida pelos Estados e por outras agências financiadoras, sendo que o financiamento para esta mesma investigação se encontra disponível por intermédio de fundos interuniversitários e universitários; as revistas teológicas são indexadas e estão em *rankings*; os resultados de investigação teológica, tais como doutoramentos, publicações e aquisições têm o seu peso no financiamento da universidade, etc.

Não obstante, seria bastante ingénuo concluir, com base nisto, que a teologia continua a ser a disciplina cimeira na academia atual. Desde que possa legitimar as suas atividades – por exemplo, ao solicitar fundos para investigação – ao invocar as metodologias científicas de outras ciências (filologia, história, filosofia, sociologia, psicologia etc.) ou a sua própria relevância (ética, o estudo das religiões do mundo), a situação não parece demasiado problemática – excetuando a questão da necessidade de uma disciplina, departamento ou faculdade específicos para este tipo de investigação, quando esta última também pode ser levada a cabo por outras disciplinas.

Além de tudo isto, porém, a teologia também sofre o mesmo destino das outras disciplinas das Humanidades. Tendências empírico-positivistas afetam a posição de muitas das disciplinas consideradas mais hermenêuticas, tais como a literatura, as ciências sociais, a educação, a filosofia

⁸ Como exemplo de aplicação do Processo de Bolonha 2007-2010, ver https://ec.europa.eu/education/policies/higher-education/bologna-process-and-european-higher-education-area_pt.

e a teologia. O mesmo também é válido no que respeita à abordagem mais comercial de muitas universidades no que toca à investigação e à educação (com um enfoque na obtenção de financiamentos, aplicação económica dos resultados da investigação, relevância sociocultural quase imediata, oportunidades de emprego pós-licenciatura...).

Aprofundarei estes desenvolvimentos em seguida, dando especial ênfase e pormenor a três problemas intimamente relacionados, importantes não só para a teologia, mas também para a universidade. No primeiro, discutirei o estatuto académico da teologia e a estratégia de sobrevivência dos estudos de religião (5). Paradoxalmente, o segundo diz respeito ao estatuto académico da universidade, em particular aos seus bastante pragmáticos padrões de investigação (6). No terceiro, refletirei sobre a dupla natureza interdisciplinar da teologia (7).

5. A teologia e a estratégia de sobrevivência dos estudos religiosos

Um dos primeiros e principais desafios que a teologia enfrenta na academia é a *pressão quanto à legitimidade da sua finalidade estritamente teológica*. A ligação da teologia a uma fé específica, especialmente quando se traduz na associação a uma determinada comunidade religiosa, contribui para os seus problemas de legitimidade e também para a sua «marginalização». Uma forma de lidar com estes problemas consiste em suspender estas relações preferenciais e proceder a uma retirada total para a universidade. Com efeito, é precisamente isto que muitas vezes está em jogo nas discussões sobre a relação entre teologia e estudos de religião e, mais especificamente, quando se põe a questão de os departamentos de teologia se transformarem em departamentos de estudos de religião⁹. Tais questões, é claro, como se veio a revelar em desenvolvimentos mais recentes¹⁰, não só resultam da pressão exercida pela universidade, mas também de intervenções eclesiais específicas, que – intencionalmente ou

⁹ Para um argumento mais desenvolvido a respeito da discussão sobre a relação entre teologia e estudos de religião, ver o meu *Theology at the Crossroads of University, Church and Society*, capítulo 6.

¹⁰ Cf. Nico Schreurs, «Entwicklungen in den katholischen theologischen Ausbildungen in den Niederlanden,» *Bulletin ET*, 17, 2 (2006): 110ss.

não – isolam a teologia das outras disciplinas científicas. Como resultado de tudo isto, os estudos de religião parecem estar preparados para herdar o estatuto da teologia enquanto disciplina académica. Por este motivo, algumas faculdades de teologia decidiram organizar-se como faculdades de estudos de religião, ou pelo menos usar a aura dos estudos de religião para se tornarem novamente «respeitáveis».

Todavia, esta estratégia de sobrevivência ou de fuga corre o risco de perder por completo de vista o projeto teológico da *fides quaerens intellectum*. Dificulta o desenvolvimento de questões teológicas específicas, porque estas são imediatamente repudiadas como (demasiado) confessionais ou paroquiais (e, como tal, demasiado restritas). Sem dúvida, os estudos de religião, com o seu ateísmo metodológico, informam a teologia sobre o contexto e a situação da fé cristã, mas também põem um fim à questão de saber onde Deus faz história hoje. Esta nova situação torna a teologia mais consciente do seu lugar muito específico e frequentemente marginal na universidade, isto porque, à primeira vista, o estatuto teológico perdeu o seu carácter não-problemático e inquestionável, tanto em termos académicos como culturais. No que diz respeito ao aspeto académico, embora a teologia frequentemente recorra a metodologias de outras ciências, incluindo os estudos de religião (os quais, enquanto disciplina, se tornaram a sua nova *ancilla*), as suas pretensões excedem estas metodologias. Segundo uma perspetiva cultural, a teologia é forçada a reconsiderar o estatuto das suas pretensões de verdade, uma vez que a fé cristã se tornou apenas uma das muitas religiões e visões do mundo. Apenas quando abordar estas duas questões é que a teologia poderá falar da sua posição atual, na e para a academia de hoje.

No entanto, a questão teológica não deixa de ser importante na atualidade. Os argumentos neste sentido podem assumir não só uma perspetiva teológico-cristã, mas também, até certo ponto, um ponto de vista cultural – e, como tal, também académico. A estratégia de sobrevivência – ou seja, uma retirada total da teologia para a academia, transformando-se em estudos de religião – representa uma cedência demasiado fácil a uma das ilusões que afetam a academia atual: a presunção de objetividade e

transparência que deveria caracterizar a racionalidade moderna e – com ela relacionada – o seu estatuto de pressuposta isenção de valores. Estes pressupostos fazem parte das ideias clássicas de secularização, que não são menos isentas de valores, embora tendam a esquecer os círculos hermenêuticos emancipatórios modernos, nos quais se encontram inseridas. Não nos é possível entrar aqui na vasta filosofia da literatura científica que critica estas modernas e excessivamente autoconfiantes pretensões de racionalidade. Mas podemos, pelo menos, afirmar que nos tornou mais conscientes do facto de tanto o conhecimento como a produção de conhecimento estarem historicamente situados e vinculados a interesses, inseridos em contextos hermenêuticos e relacionados com o poder. Com base na sua experiência de marginalização, entre outras coisas, a teologia adquiriu uma profunda consciência do seu lugar, do seu círculo hermenêutico, ao qual recorre explicitamente, cada vez mais, para apresentar as suas reivindicações. Precisamente porque tem uma maior consciência do seu lugar, a teologia deve ser encarada como capaz de despertar a consciência alheia a este respeito. A discussão com alguns neodarwinistas, que repetidamente transgridem a linha ténue que separa o ateísmo metodológico, próprio da ciência, do seu próprio ateísmo ideológico, é apenas um exemplo disto¹¹. Mas há mais a dizer sobre esse assunto.

6. O desafio de um entendimento científico mais pragmático

Uma crítica pós-moderna aos padrões de racionalidade pré-modernos e modernos não deu origem apenas a uma maior consciência hermenêutica – e provavelmente nem terá sido esta a sua consequência mais importante. Ao mesmo tempo, trouxe também com ela um *autoconhecimento mais pragmático da ciência*. A crítica pós-moderna influenciou, não só a própria práxis científica, como também a forma como esta se

¹¹ Podemos referir as posições de, entre outros, Richard Dawkins, *The God Delusion* (London: Bantam Press, 2006); Daniel C. Dennett, *Breaking the Spell. Religion as a Natural Phenomenon* (New York: Viking, 2006); Samuel Harris, *The End of Faith: Religion, Terror, and the Future of Reason* (New York: WW Norton, 2004); Samuel Harris, *The Moral Landscape: How Science Can Determine Human Values* (New York: Free Press, 2010). Ver também Tom Uytterhoeven, «Religie volgens New Atheism: Natuurlijk fundamentalisme?» *Tijdschrift voor Theologie*, 53 (2013): 162-177.

justifica a si mesma. Era esta a premissa básica de *La condition postmoderne* de Jean-François Lyotard (1979): uma vez que as grandes narrativas modernas de conhecimento se tornaram implausíveis, atualmente, a ciência é legitimada pela sua performatividade¹². Quando todas as estruturas estáveis se perdem, apenas permanece «aquilo que funciona». Combinado com metodologias matemático-científicas, o ceticismo face a hipóteses substancialistas e alegações normativas (que podem sempre ser desconstruídas como sendo demasiado particulares ou associadas a interesses específicos) resulta numa quantificação acrescida da investigação, não apenas ao nível da metodologia científica, mas também ao nível da justificação da própria práxis investigativa. Além da necessidade de comparar diferentes disciplinas em avaliações de investigação, este é um dos principais motivos pelos quais as avaliações científicas obedecem a critérios de classificação formais, as publicações são contabilizadas, as redes de investigação são ponderadas e outros resultados que não sejam publicações (como doutoramentos, patentes, etc.) são também quantificados. A avaliação processual por pares substitui progressivamente a avaliação qualitativa.

Obviamente, seria demasiado limitado concluir que a universidade perdeu a alma por meio de tais procedimentos, e que a qualidade foi substituída pela quantidade. Bons padrões quantitativos refletem padrões qualitativos, e a maioria dos organismos e avaliadores de investigação estão perfeitamente cientes da necessidade de que uma avaliação quantitativa seja complementada por uma avaliação qualitativa. A situação atual também pode beneficiar a teologia, especialmente porque esta é questionada como uma disciplina científica. Mais do que nunca, ela é desafiada a atender aos requisitos da academia e, como tal, a demonstrar o seu legítimo lugar na universidade. Paradoxalmente, os processos de avaliação mais formais e quantitativos podem até apoiar a situação da teologia. Esta última (na multiplicidade das suas subdisciplinas) conta com uma variedade de revistas e de séries científicas, avaliações por pares,

¹² Cf. Jean-François Lyotard, *La condition postmoderne. Rapport sur le savoir* (Paris: Minuit, 1979).

doutoramentos e redes internacionais de investigação. Pode pôr tudo isto em ação, por exemplo, sempre que se torna necessário avaliar uma investigação ou concorrer a um financiamento. Somente quando for capaz de justificar o seu lugar na universidade, de acordo com os critérios dessa mesma universidade, é que a teologia poderá, quando necessário, abordar criticamente a academia: por exemplo, quando esta negligenciar a necessária inter-relação e equilíbrio entre avaliações quantitativas e qualitativas. Além do mais, é bastante plausível que, neste caso, os teólogos contem com o apoio de outros académicos.

Quando é totalmente académica e, como tal, cumpre os padrões da universidade, a teologia pode ter a oportunidade de levar a própria universidade à autocrítica e ajudá-la a ver para além de si mesma – exatamente quando se encontra nas margens, ou talvez por isso mesmo. Talvez seja capaz de mostrar à academia os limites das suas metodologias e discursos e alertá-la para certos reducionismos. Pode promover uma consciência mais crítico-hermenêutica em toda a universidade, ao recordar e explicar que o conhecimento se encontra, sempre e de antemão, situado e vinculado a interesses. Pode certamente dar voz, explicar e discutir as frequentemente ocultas questões do sentido, da ética e da antropologia. Estas poderão surgir nas margens da investigação científica, mas também no ensino académico e no serviço à sociedade. Numa época em que as estruturas estáveis se tornaram precárias, a teologia pode ser novamente convidada a mostrar o que tem a oferecer, com base nos seus próprios recursos e procedimentos, quando há que fazer frente a questões de sentido, de ética, de antropologia e de visão do mundo. Em momentos como estes, poderá então ser possível, num contexto muitas vezes pós-cristão e pós-secular, introduzir de novo o Deus de Jesus Cristo, que convida a Humanidade a fazer história em comum enquanto aguarda a chegada do reino de Deus.

7. A dupla natureza interdisciplinar da teologia

No que respeita à sua coerência interna, bem como ao seu lugar no seio da diversidade das disciplinas universitárias, a teologia também

enfrenta o desafio de outro desenvolvimento no meio acadêmico: a especialização. Tendo particularmente em conta a sua natureza multidisciplinar e a sua dependência de uma variedade de ciências auxiliares, a teologia também quase se vê forçada a especializar-se – certamente quando defende os mais elevados padrões acadêmicos e pretende continuar a dialogar com estas outras disciplinas. Mas também dá por si instada a participar na dinâmica interdisciplinar e transdisciplinar, atualmente promovida por uma academia autocrítica com o intuito de superar a fragmentação e o isolamento. Não só a academia, mas a própria teologia tem a ganhar com isto.

Gostaria de acrescentar aqui outras duas reflexões a respeito da natureza interdisciplinar da teologia. Como já foi referido, esta natureza interdisciplinar das diversas disciplinas teológicas é, acima de tudo, considerada como uma capacidade de recorrer à filosofia, aos estudos de religião e às ciências, com o intuito de alcançar um maior autoconhecimento. Os estudos de religião, neste caso, são vistos como uma ciência auxiliar. O teólogo sistemático recorria essencialmente ao filósofo, mas atualmente está disposto a dar ouvidos ao antropólogo cultural, ao sociólogo, ao psicólogo e até ao economista. O teólogo moral entra em diálogo com a psicologia, a pedagogia, a medicina e assim por diante; o teólogo pastoral têm uma inflexão empírica; além disso, a diversidade de disciplinas científicas que contribuem para os estudos bíblicos e para o estudo histórico-teológico da Igreja e da teologia aumentou consideravelmente. Como tal, as disciplinas teológicas não têm uma racionalidade conclusiva própria, antes vão co-construindo sempre o seu dispositivo reflexivo com a ajuda das racionalidades que constituem o seu ambiente. Assim sendo, importa questionar os resultados de diálogos anteriores entre fé e razão, à luz das contribuições crítico-construtivas mais recentes das disciplinas não-teológicas. O desafio, especialmente nos dias de hoje, continua a ser o de integrar firmemente o apoio destas racionalidades num programa teológico, visto que elas, por si, não dão origem a formas de raciocínio teológicas (ou seja, não contribuem para um maior autoconhecimento e reflexividade interna da fé).

Em segundo lugar, é necessária uma interdisciplinaridade interna mais franca, no seio da própria teologia. Parcialmente como resultado da contribuição de racionalidades científicas específicas, a variedade das disciplinas teológicas não só se tornou mais visível como tende a dificultar a elaboração de visões mais sintéticas do conjunto do projeto teológico. O diálogo com outras ciências ajudou a teologia a procurar a legitimação do seu estatuto acadêmico, mas também resultou numa (super)especialização. Todavia, a causa da teologia, na sua busca de uma maior compreensão da fé, requer tanto a interdisciplinaridade como a transdisciplinaridade. A cristologia, por exemplo, não pode prescindir de um diálogo contínuo com os estudos bíblicos. Acontece o mesmo com a história da Igreja: ao refletir sobre o modo como a normatividade se desenvolve na História (e sobre como as visões específicas da História sustentam implicitamente pretensões normativas), ela beneficia ao confrontar-se com visões sistemático-teológicas do desenvolvimento da tradição.

A questão é ainda mais complexa, visto que esta dupla interdisciplinaridade inclui uma relação dinâmica entre as suas duas vertentes: a relação interdisciplinar entre teologia e ciências (auxiliares) interage com a relação interdisciplinar teológica interna entre diferentes disciplinas teológicas. A forma como estas várias disciplinas entendem a sua relação com as suas ciências auxiliares específicas é de grande importância para a maneira como elas se relacionam com outras disciplinas teológicas ou contribuem para as mesmas. A forma como os historiadores da Igreja incorporam dados históricos numa reflexão teológica sobre a História, por exemplo, é, neste aspeto, decisiva para o modo como os historiadores da Igreja e os teólogos sistemáticos podem dialogar¹³.

Ao refletir sobre o seu lugar na universidade, a teologia é, de uma maneira ou de outra, chamada a facilitar esta dupla dinâmica interdisciplinar, desafiando as disciplinas teológicas a entrarem num repetido diálogo, primeiro com a filosofia, os estudos de religião e similares, e,

¹³ Ver Lieven Boeve e Terrence Merrigan, eds., *Tradition and the Normativity of History*, BETL 263 (Leuven: Peeters Press, 2013).

segundo, entre elas. Só então a teologia será capaz de ocupar o seu difícil lugar, frequentemente nas margens de cada um dos domínios, na encruzilhada entre academia, Igreja e sociedade.

8. Da teoria à prática: a Faculdade de Teologia e Estudos Religiosos da KU Leuven

Para concluir, gostaria de partilhar algumas das minhas reflexões quando a Faculdade de Teologia da KU Leuven decidiu, em 2011, alterar o seu nome para Faculdade de Teologia e Estudos de Religião¹⁴.

Em resposta a motivos tanto contextuais como teológicos, esta mudança de nome foi uma escolha intencional para um projeto teológico com (mais) espaço para os estudos de religião. Mais precisamente, foi encarada pela maioria do corpo discente como uma forma de tornar explícitos os desenvolvimentos que vinham tendo lugar nas últimas décadas: depois da filosofia, o estudo de outras abordagens disciplinares à religião, e de outras religiões, passara cada vez mais a fazer parte da teologia, isto de um modo tão intrínseco como a filosofia¹⁵. Mas esta mudança de nome também causou alguma confusão, tanto ao nível da universidade (por ocasião da discussão da sua identidade católica¹⁶) como ao nível da Igreja. A nova dupla designação da faculdade foi aparentemente encarada por alguns como um sinal de secularização, uma passagem da chamada teologia confessional para os estudos neutros da religião. E isto era exatamente o contrário do que se pretendia. Assumir esta dupla designação não era, de modo algum, o primeiro passo rumo a uma faculdade de estudos de religião, mas antes uma tentativa de reunir tanto a teologia como os estudos de religião num projeto teológico comum. Qual é, então, o

¹⁴ Esta alteração entrou em vigor a 1 de agosto de 2011 e foi preparada por um processo de reflexão durante o qual, entre outros, foi organizado um colóquio a pedido do Cardeal Danneels, então arcebispo de Mechelen-Bruxelas e reitor da KU de Leuven, o qual resultou na publicação: *Quo vadis theologia? Theologie en religiestudie in Leuven*, ed. Mathijs Lamberigts e Leo Kenis (Antwerpen: Halewijn, 2008).

¹⁵ Ver a declaração de missão da faculdade: <https://theo.kuleuven.be/en/general/mission-statement>.

¹⁶ Em 2010-2012, a KU Leuven organizou uma discussão sobre a sua identidade católica e, depois de decidir manter o K (de «Katholiek»), redigiu uma nova declaração de missão: <https://theo.kuleuven.be/en/general/mission-statement>. Para mais informações sobre esta discussão, ver o meu *Theology on the Crossroads*, 194-198.

significado exato do «e» em «teologia e estudos de religião»? Subjacentes à decisão de adotar esta dupla designação, encontravam-se dois motivos pragmático-contextuais e dois motivos intrinsecamente teológicos.

1. Em primeiro lugar, apresento as duas considerações *pragmático-contextuais*; em seguida, as intrinsecamente teológicas.

(a) A introdução da dupla designação é, acima de tudo, *uma escolha estratégica* com o intuito de evitar que, no interior da universidade, se ponha a hipótese de fundar um departamento ou faculdade de estudos de religião à parte da faculdade de teologia. Com efeito, este é um cenário que se verificou em instituições teológicas (católicas) na Holanda e noutros locais, e que, de um modo praticamente intrínseco, dá origem a mecanismos de exclusão mútua: a teologia define-se como não sendo estudos de religião, enquanto os estudos de religião não se veem como teologia. No mundo católico holandês, isto acabou por resultar na extinção de um dos dois (o destino do departamento de estudos de religião da Universidade de Tilburg), ou pelo menos numa espécie de sedação paliativa (o caso da teologia, em Nijmegen).

Quando se põe o caso de *ou teologia ou estudos de religião*, em que a teologia e os estudos de religião são encarados como adversários, um deles parece perder: os estudos de religião perdem a ligação com um domínio prático cada vez menor (que requer professores de educação religiosa e pastores com uma ligação eclesial) e definham; enquanto a teologia é forçada a retirar-se para o domínio eclesial e limita a sua perspetiva.

(b) A segunda consideração pragmático-contextuais prende-se com o facto de a oferta de programas teológicos na KU Leuven ser a razão óbvia que leva a *maioria dos nossos alunos, e sem dúvida os internacionais*, a optar por esta faculdade. Para além disso, para alguns deles, é muito importante que esta seja uma faculdade teológica católica romana autorizada a conceder licenciaturas canónicas. Desistir da finalidade teológica teria efeitos de monta no fluxo de estudantes internacionais – definitivamente, um importante argumento pragmático para não o fazer.

2. Em suma, com base em razões pragmático-contextuais, a mudança de nome não significa de modo algum um adeus à teologia, antes

pelo contrário: esta faculdade é e continua a ser em primeiro lugar uma faculdade teológica, mas que dá espaço aos estudos de religião, não de um modo mutuamente exclusivo, mas inclusivo. Todavia, existem igualmente duas razões *intrinsecamente teológicas* para atribuir uma dupla designação a esta faculdade. Ambas estão relacionadas com a natureza da teologia, em particular da teologia católica.

(a) Classicamente definida pela máxima de Anselmo de Cantuária (1033-1109), *fides quaerens intellectum*, há muito que a teologia recorre à filosofia para configurar o seu diálogo intelectual com o contexto. De acordo com outra máxima clássica, *philosophia ancilla theologiae*, a filosofia é o sustentáculo da teologia. Era frequente os teólogos irem buscar à filosofia modelos, padrões, ideias e palavras que os ajudavam a desenvolver, estruturar, fundamentar e explicar a sua própria posição. Por sua vez, a filosofia prestava um esclarecimento do contexto mais amplo e estruturava a conceção e as perspetivas críticas da realidade, também para os cristãos. Desde a modernidade, juntaram-se à filosofia, neste esforço, outras humanidades, ciências sociais e naturais, e, na medida em que são qualificadas pelo seu objeto material, estas abordagens científicas são referidas como *estudos de religião*. Na qualidade de novas *ancillae* da teologia, estas diversas abordagens disciplinares co-constituem a consciência crítica contextual, com a qual a teologia entra em diálogo, para chegar a um entendimento contemporâneo da fé.

(b) Todavia, além da modernidade e da origem das humanidades modernas e das ciências naturais, existe um segundo motivo teológico para envolver os estudos de religião no projeto teológico. Este motivo é o impacto da *pluralização religiosa* nas questões teológicas. Atualmente, a terminologia dos estudos de religião também abrange o estudo das religiões do mundo, o qual procura entender uma religião ou as ligações e interações entre religiões. Também para estes fins, é utilizada uma diversificada gama de abordagens metodológicas, algo que constitui uma mudança de perspetiva mais recente, como ilustrado de forma bastante apropriada por uma nota pessoal. Durante a minha formação em teologia (1984-1990), nunca frequentei qualquer curso sobre uma religião

não-cristã. Muito menos tínhamos em conta a importância do pluralismo religioso para a fé cristã ou, por exemplo, para as pretensões de verdade desta mesma fé. Existia um curso sobre religiões do mundo no primeiro ano, mas era opcional e a sua alternativa era «Latim Cristão: Leitura de Textos». Naturalmente, naquela época, optei por dedicar-me ao latim de Aurelius Augustinus em vez de estudar outras religiões. O simples facto de isto ser inconcebível, nos dias de hoje, prova o meu argumento: a nossa mentalidade mudou significativamente a este respeito. Dificilmente podemos conceber um projeto de teologia que não tenha em conta os desafios oferecidos pelas outras religiões e o diálogo com as mesmas. Teologia fundamental, cristologia, ética, espiritualidade, pastoral, textos e histórias religiosas: todos são chamados a participar na pluralidade religiosa. E isto requer o estudo científico das religiões do mundo, como parceiro necessário.

Resumindo, tanto por motivos pragmático-contextuais como por motivos teológicos, a faculdade apresenta intencionalmente a dupla designação de teologia e estudos de religião. Ao mesmo tempo, advém destas considerações que os dois termos não podem ser meramente justapostos e que a palavra «e» entre ambos não pode certamente ter o significado de «ou». A relação entre a teologia e os estudos de religião deve ser deliberadamente «inclusiva» e «assimétrica». A teologia precisa intrinsecamente dos estudos de religião para poder ser uma teologia plena, ao passo que uma exclusão mútua seria prejudicial para ambos: para a teologia, porque, para levar a cabo a compreensão da fé, precisa da assistência crítico-constructiva das racionalidades atuais. Por outro lado, os estudos de religião podem, do mesmo modo, beneficiar da sua ligação a um projeto teológico, em especial quando, numa autoatribuída posição de neutralidade e objetividade, correm tanto o risco de esquecer os círculos hermenêuticos dos quais fazem parte como de se tornar ideológicos. Claro está que isto não quer dizer que, na faculdade, não possam ser realizadas investigações autónomas em estudos de religião. Todavia, significa que a relevância de tais investigações para a teologia terá que ser esclarecida.

9. Conclusão

Como consequência de desenvolvimentos acadêmicos, eclesiais e contextuais, parece que a teologia foi empurrada para as margens, em todos estes três domínios: (a) é demasiado confessional – e, como tal, não suficientemente «objetiva» – para ser rigorosamente académica; (b) é demasiado académica – e, como tal, não verdadeiramente empenhada – para ser fundamentalmente eclesial; e (c) é demasiado intrinsecamente ligada a uma única tradição específica, para poder apelar de um modo apropriado à procura de sentido e de espiritualidade, numa sociedade destradicionalizada e pluralizada. Nesta contribuição, afirmei primeiro que a teologia apenas poderá cumprir a sua vocação quando aceitar conscientemente esta tripla marginalização, ao mesmo tempo que se posiciona firmemente na encruzilhada entre as três.

Com efeito, não será ao retirar-se por completo da academia (sob a forma de estudos de religião), nem ao reivindicar um estatuto preferencial especial, à parte dos padrões académicos atuais, que a teologia irá encontrar um lugar apropriado na universidade, do qual possa dirigir-se não só à universidade, mas também à Igreja e à sociedade. Ao ter noção da posição específica em que se encontra, a teologia pode certamente dialogar com a universidade quando esta esquece com demasiada facilidade os pressupostos carregados de valor da sua procura da verdade e reduz o seu questionamento científico ao que seria «objetivo» e «transparente». Deste modo, a teologia pode interromper o demasiado fácil autoconhecimento, baseado no *senso comum*, da universidade. Ela pode chamar a atenção para descobertas recentes na filosofia da ciência, que questionam as excessivamente autoconfiantes alegações modernas de racionalidade, e mostrar que o conhecimento e a produção de conhecimento se encontram historicamente situados e vinculados ao interesse, integrados em contextos hermenêuticos e relacionados com o poder. Sem ocultar a posição muito específica na qual se encontra, cabe à teologia alargar a consciência crítica alheia a este respeito. Como já foi referido, a discussão com alguns neodarwinistas, que cruzam a ténue linha entre o ateísmo metodológico científico e o seu próprio ateísmo ideológico, é apenas um

exemplo disto. Simultaneamente, cabe à teologia estar atenta quando as ideologias contemporâneas de performatividade e aplicabilidade econômica colonizam a dinâmica científica. Recorrendo às suas próprias fontes e procedimentos, a teologia pode partilhar o que tem a oferecer, no que respeita às questões referentes ao sentido, à ética e à antropologia, que uma busca científica de conhecimento e de aplicação implicam. E, para o fazer, a teologia é chamada a promover, acima de tudo, uma abordagem decididamente interdisciplinar, uma abordagem dialógica com as outras disciplinas da universidade, mas também no seio da própria teologia, promovendo um diálogo constitutivo entre as disciplinas teológicas.

Não se trata de uma posição fácil – ter que trabalhar a partir das margens e numa encruzilhada –, mas não restem dúvidas de que desafia a teologia a não procurar caminhos de fuga nem respostas fáceis. Só então poderá a teologia cumprir a sua vocação específica, ao serviço dos três domínios aos quais pertence: a universidade, a Igreja e a sociedade.

Bibliografia

- Boeve, Lieven. *God Interrupts History: Theology in a Time of Upheaval*. New York: Continuum, 2007.
- Boeve, Lieven. «Theology in the Academy. Interdisciplinarity and the Challenges of Religious Studies.» *ET Studies*, 5 (2014): 247-256.
- Boeve, Lieven. «Theology at the Crossroads of Academy, Church and Society.» *ET Studies*, 1 (2010):1, 71-90.
- Boeve, Lieven. *Theology at the Crossroads of University, Church and Society: Dialogue, Difference and Catholic Identity*. London/New York: Bloomsbury T&T Clark, 2016.
- Boeve, Lieven. «La théologie aux marges et aux carrefours: Théologie, Église, université, société.» *Revue théologique de Louvain*, 44 (2013): 388-412.
- Boeve, Lieven. «Theology on the Margins and at the Crossroads: Theology, Church, University and Society.» *Ephemerides Theologicae Lovanienses*, 90 (2014): 361-378.
- Boeve, Lieven, e Terrence Merrigan, eds. *Tradition and the Normativity of History*. BETL 263. Leuven: Peeters Press, 2013.
- Dawkins, Richard. *The God Delusion*. London: Bantam Press, 2006.

- Dennett, Daniel C. *Breaking the Spell. Religion as a Natural Phenomenon*. New York: Viking, 2006.
- Dobbelaere, Karel, Jaak Billiet, e Liliane Voyé. «Religie en kerkbetrokkenheid: naar een sociaal gemarginaliseerde kerk?» In *Nieuwe tijden, nieuwe mensen. Belgen over arbeid, gezin, ethiek, religie en politiek*, ed. by Koen Abts, Liliane Voyé, e Karel Dobbelaere, 143-172. Tiel: Lannoo, 2011.
- Harris, Samuel. *The End of Faith: Religion, Terror, and the Future of Reason*. New York: WW Norton, 2004.
- Harris, Samuel. *The Moral Landscape: How Science Can Determine Human Values*. New York: Free Press, 2010.
- Hinze, Bradford E. «A Decade of Disciplining Theologians.» In *When the Magisterium Intervenes: The Magisterium and Theologians in Today's Church*. Ed. by Richard R. Gaillardetz, 3-39. Collegeville, Minn.: Liturgical Press, 2012.
- Lamberigts, Mathijs, e Leo Kenis (eds.), *Quo vadis theologia? Theologie en religiestudie in Leuven*. Antwerpen: Halewijn, 2008.
- Liotard, Jean-François. *La condition postmoderne. Rapport sur le savoir*. Paris: Minuit, 1979.
- Schreurs, Nico. «Entwicklungen in den katholischen theologischen Ausbildungen in den Niederlanden.» *Bulletin ET*, 17 (2006): 2, 110ss.
- Tracy, David. *The Analogical Imagination*. New York: Crossroad, 1981.
- Uytterhoeven, Tom. «Religie volgens New Atheism: Natuurlijk fundamentalisme?» *Tijdschrift voor Theologie*, 53 (2013): 162-177.

Artigo recebido a 30.10.2019 e aprovado a 18.04.2020



